

MISSIONARIEDADE SCALABRINIANA: A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PESSOA MIGRANTE E REFUGIADA

*Ir. Eléia Scariot, mscs**

Introdução

O Centro de Atendimento ao Migrante – CAM, fundado em 14 de outubro de 1985, pertencente à Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabriniana, da Província Imaculada Conceição, com sede em Caxias do Sul, RS – Brasil, tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento do exercício da cidadania e ampliação de condições de inclusão social, mantendo ações voltadas ao enfrentamento de situações de vulnerabilidade e risco, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida, a inserção e o desenvolvimento social das pessoas em processo de mobilidade.

Por meio das macro-estratégias da instituição, buscamos ampliar capacidades individuais e familiares de fortalecimento e enfrentamento de situações de vulnerabilidade e risco social, qualificando condições de convivência e desenvolvimento social e participação no mundo do trabalho. Procuramos, também, garantir serviço de proteção social especial para as famílias dos refugiados em processo de reassentamento.

Na vivência da missionariedade scalabriniana, nossa primeira e principal missão é sermos autênticas promotoras da cultura da acolhida. É incrível que uma pessoa acolhedora contagie as demais na vivência dessa virtude. Pode-se dizer que é uma arte acolher bem as pessoas que chegam até nós e que deixam transparecer no semblante, nos gestos e nas palavras o efeito benéfico da acolhida. Certamente, a acolhida deve preceder à técnica. Percebemos que esse valor perpassa nossas ações. Afirmo isso lembrando de todas as pessoas que trabalham em nossa instituição que

* Irmã Missionária Scalabriniana, diretora do Centro de Atendimento ao Migrante – CAM, em Caxias do Sul, RS/Brasil. Jornalista.

além de vestirem a roupagem da acolhida e do respeito para contribuir mais eficazmente na reconstrução da identidade do outro realizam seu serviço com afinco e competência.

Um horizonte de esperança

Por que é tão importante, necessário e urgente acolher, atender e acompanhar o migrante no processo de reconstrução da própria identidade? Sempre que acolhemos, atendemos e acompanhamos dignamente, estamos promovendo o migrante e o refugiado para que vivam mais dignamente, para que tenham força de lutar, de buscar novas alternativas, para que se sintam sujeitos e protagonistas da própria história e capazes de descobrir novos horizontes de esperança mesmo em meio a adversidades.

Quando em situação de vulnerabilidade, seja ela psíquica, física, econômica ou ocasionadas pela constante mobilidade, o migrante se vê exposto a inúmeras situações vexatórias e, como se não bastasse, constantemente é atacado e “criminalizado” pela grande mídia. Tudo isso faz com que se sinta deslocado, enganado e percebe que a esperança que o motivou a migrar era vazia porque lhe nega o pão cotidiano ao impedir o ingresso no mercado de trabalho.

Em uma pesquisa realizada neste ano no CAM, constatamos que 90% das pessoas atendidas são mulheres migrantes e apenas 10% são homens. Surge-nos a pergunta: por que são as mulheres que mais buscam atendimento no Centro de Atendimento ao Migrante? Os homens migrantes também precisam de assistência social pela situação de vulnerabilidade em que se encontram. Essa realidade nos faz pensar que temos muitos desafios pela frente e precisamos ir ao encontro desses que talvez estejam buscando saídas e não encontrem caminhos abertos.

Logicamente, distintas circunstâncias favorecem comportamentos distintos. Nessa lógica é possível compreender que a identidade étnica está associada a um conjunto de normas de valor cultural. Dependendo da ocasião, do contexto, as identidades se expressam com menor ou maior liberdade. Estudos de renomados pesquisadores, como Octavio Ianni, afirmam que a maioria dos migrantes parece desenvolver várias identidades. Para Ianni, ao manter muitas e diferentes identidades, nacionais e étnicas, “os transmigrantes tornam-se aptos para expressar as suas resistências às situações econômicas e políticas globais que os envolvem, bem como para se ajustarem às condições de vida marcadas pela vulnerabilidade e a insegurança”.¹

¹ IANNI, Octavio. “A racialização do mundo”. Tempo Social. V. 8, n. 1, maio/1996, p. 3.

Família no centro das atenções

Há dezenas de instituições de assistência social em Caxias do Sul. A maioria em processo de compreensão e assimilação frente às mudanças propostas pelo Sistema Único de Assistência Social – SUAS. Esse novo modelo de gestão está sendo construído por meio de uma nova lógica de organização das ações: com a definição de níveis de complexidade, na área da proteção social básica e proteção social especial, considerando regiões e tamanho de municípios, com centralidade na família. Tal modelo visa à operacionalização da Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, que viabiliza o sistema descentralizado e participativo e a sua regulação, em todo o território nacional.²

Através da criação de instrumentos, ferramentas, qualificação técnica e ampliação do quadro de recursos humanos, o CAM responde de forma ética, comprometida e transparente, às ações, programas e serviços que se propõe em seu plano de ação anual. Nossa preocupação com os migrantes é grande, sobretudo, no que diz respeito às dificuldades que encontram para a inserção em políticas públicas, por exemplo, a política habitacional no município de Caxias do Sul é restritiva. É estabelecido como pré-requisito para ter acesso ao direito à moradia estar há dois anos na cidade. Isso é no mínimo desumano para o migrante que, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos tem direito de ir e vir e de fixar moradia, no Estado ou país que escolher como pátria.

Assim como em outros lugares do mundo, em Caxias do Sul o migrante se vê obrigado a viver, inúmeras vezes, exposto a dificuldades de ordem econômica como falta de trabalho, moradia e o que é pior: falta de alimento e vestuário adequado ao clima que na região da serra, no período do inverno, é de um frio rigoroso. Tais situações desencadeiam baixa auto-estima, desânimo e depressão. Com base em pesquisas e leituras, constatamos que a experiência de migrar é extremamente complexa e apresenta-se como um constante desafio à construção identitária do migrante. Entrar em contato com uma nova cultura pode se constituir de certa forma, em experiência positiva e construtiva, mas exige fortaleza interior para reafirmar a própria identidade.

Ir onde o migrante está

Cada dia aumenta o número dos que procuram auxílio no tratamento da “doença do século” – a depressão – que afeta profundamente a

² Disponível em: <http://www.mds.gov.br/programas/rede-suas>. Acesso em: 26/05/2007.

identidade do migrante, por estar sujeito a inúmeras dificuldades. Aos poucos, percebemos igualmente que o mito de que “psicólogo é para loucos” vai sendo superado e os horários para atendimento psicológico individual são preenchidos diariamente, sobretudo, por mulheres migrantes em depressão profunda, muitas delas, com tentativa de suicídio. O processo de reconstrução identitária, desde o âmago mais profundo, é penoso, mas o resultado é satisfatório, porque as pessoas se redescobrem como sabedoras de suas possibilidades, com condições e instrumentos para lidar com suas limitações e enfrentar a vida em sua complexa teia de relações com serenidade.

Aqui como na Europa e nos Estados Unidos, os motivos da depressão se assemelham: “excesso de trabalho, poucas horas de sono, o psicológico sendo afetado pela perda da identidade, da auto-estima e solidão”.³ Através de um tratamento humano, onde o físico, o mental, o psicológico e o espiritual são considerados e tratados como um todo para que o migrante recupere o equilíbrio, a saúde e o bem estar.

Através de levantamento da realidade do bairro Vila Rosário II, localizado na região administrativa do Desvio Rizzo, em Caxias do Sul, constituído, em sua maioria, por famílias migrantes, foi constatado elevado índice de mulheres com depressão. A partir desse levantamento feito no segundo semestre de 2006, a psicóloga e a estagiária de psicologia do CAM iniciaram um grupo, no primeiro semestre deste ano, com mulheres depressivas que nas terças-feiras à tarde se reúnem no centro comunitário da Vila Rosário II. Ali, as migrantes recebem orientação, esclarecimento de dúvidas e são auxiliadas na compreensão da doença e começam a lidar com a mesma num processo de cura. São informadas a respeito dos sintomas e como os mesmos se manifestam: alterações no sono, no apetite, no interesse em fazer coisas que antes davam prazer à pessoa, irritabilidade, ânsia de vômito, tonturas, falta de motivação e freqüente sensação de cansaço. A opção de trabalhar com as mulheres na própria comunidade foi feita, sobretudo, pela dificuldade de acesso das mesmas até a instituição, pela distância geográfica, além de fortalecer e estreitar os vínculos da instituição com a comunidade através da descentralização de suas ações.

Nesse processo de construção identitária, as mulheres migrantes são auxiliadas a minimizar os efeitos da depressão planejando o dia de forma que tenham horários regulares de refeição e de sono. Especialistas recomendam oito horas de sono por dia, pois essa é a média saudável para manter nossa saúde física e mental. Quem não se alimenta bem, não bebe água suficiente e não tem uma rotina regular de sono, está sujeita a contrair doenças físicas

³ Disponível em: http://www.jornalasemana.com/portugues/ultimas_noticias.php?start_from=20&ucat=&archive=&subaction=&id=&. Acesso em: 26/05/2007.

e atingir diferentes níveis de desequilíbrio mental. A partir desses dados, é mais fácil compreender o desafio que temos na reconstrução da vida do migrante e não apenas de sua identidade.

Identidade na lógica da hospitalidade

Ultrapassar e romper as barreiras do preconceito impostas pelo sistema neoliberal que exclui, sobretudo os migrantes e refugiados mais vulneráveis, exige de nós atitudes evangélicas e vivência de valores e virtudes como a da hospitalidade que devemos alimentar de uns para com os outros. Conforme as Escrituras judaico-cristãs, somos todos hóspedes neste planeta Terra. Não temos aqui uma casa durável. Pela fé afirmamos que somos hóspedes, residentes temporários, onde quer que nos encontremos.⁴ Isso ensina que nossa única alternativa é conviver com o diferente nesta mesma terra.

Nessa linha de reflexão, o teólogo Leonardo Boff insiste que “devemos incorporar a tolerância de uns para com os outros naquelas coisas que temos dificuldades de entender e de suportar. Importa ter respeito às diferenças”.⁵

Não podemos permitir que a globalização siga seu processo acelerado ameaçando os seres humanos, colocando a humanidade numa dramática encruzilhada. Pode-se dizer que a hospitalidade, a tolerância e a convivência pacífica serão as virtudes de uma globalização próspera. Sabemos que a globalização pode oportunizar encontros entre os seres humanos das mais diversificadas tradições culturais. Isso pode oferecer formas saudáveis de convivência. Mas sabemos que proliferam velhos resquícios de ódio, amarguras, tensões, medos, preconceitos. Assim são suscitados sentimentos de desconfiança e de xenofobia, principalmente, em relação à pessoa migrante e refugiada. Com base nessa realidade exposta acima, conforme Leonardo Boff, “faz-se urgente a hospitalidade, a mútua acolhida, a abertura generosa que supõem o despojamento dos conceitos e pré-conceitos. Só assim captamos a diferença como diferença e não como desigualdade e inferioridade ou como mero prolongamento daquilo que é nosso”.⁶

⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E OS ITINERANTES. *Erga Migrantes Caritas Christi*. Coleção Documentos da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2004, n. 15, p. 26.

⁵ BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Hospitalidade: direito & dever de todos. Petrópolis: Vozes, v. 1, 2005, p. 15.

⁶ *Ibidem*, p. 19.

Dessas virtudes nasce

uma identidade coletiva, a identidade da espécie humana. As identidades passadas, nacionais e regionais que tantos conflitos e tensões produziram, não deixarão de existir. Mas não serão elas individualmente que definirão o futuro. O futuro será moldado por todos e pelos elementos comuns que forem sendo identificados e assumidos.⁷

Essa questão abordada pelo teólogo é de uma atualidade evidente.

É grande o desafio de definir o conceito de identidade, sobretudo quando se trata de pessoas migrantes. Pois, essas, distantes de suas origens, de suas raízes, sofrem grande perda de identidade. E sentem-se obrigadas a corresponder positivamente ao país que as acolhe. Dessa forma, muitas dificuldades acabam sendo ignoradas, abafadas. Porém, isso pode, em longo prazo, resultar em doenças psicossomáticas.

Inúmeros povos e pessoas redefinem sua identidade recorrendo às tradições, às religiões, ao idioma, aos costumes, às conquistas de sua cultura, aos valores característicos, aos monumentos literários e materiais, aos heróis nacionais. Junto a isso, referem-se a povos e a culturas afins com os quais compartilhem o destino e a outros povos com os quais possuem relações tensas e até hostis.

Segundo Boff, as identidades reafirmadas a partir do passado se reconstróem assinalando a diferença de outras identidades. Essas identidades definem com clareza quem são os inimigos e os amigos. O inimigo

é aquele existencialmente outro e estrangeiro, aquele que, em caso extremo, cria a possibilidade de conflitos com ele... Se a alteridade do estrangeiro representa a negação da forma de existência do povo, esse estrangeiro deve ser repellido e combatido em razão da preservação da própria vida.⁸

Samuel P. Huntington assevera que “os inimigos são essenciais para os povos que estão buscando sua identidade e reinventando sua etnia... pois só sabemos quem somos quando sabemos quem não somos e, muitas vezes, quando sabemos contra quem estamos”.⁹ Não resta dúvida de que esse modelo apresentado de amigo e inimigo, mesmo que pareça muito realista, deve ser rejeitado se quisermos conviver em paz nesta terra. Esse

⁷ *Ibidem*, p. 20.

⁸ *Ibidem*, p. 21-22.

⁹ HUNTINGTON, Samuel P. apud BOFF, Leonardo, *op.cit.*, p. 22.

é um desafio a ser trabalhado nos grupos de Orientação e Apoio Sócio-Familiar, que é um dos programas que o CAM desenvolve com as famílias migrantes, onde participam, em sua maioria, mulheres.

A fonte da verdadeira identidade

Migrante, peregrina da esperança, da fé e da caridade. Assim vejo Madre Assunta. Outra imagem significativa são suas mãos. Mãos laboriosas e piedosas. Mãos que acolhem e protegem. Mãos ocupadas, abertas, generosas para ajudar, unir e abençoar. Imagino os olhos e o coração de Madre Assunta sempre fitos nos olhos e no coração do Primeiro Amor, Jesus Cristo. No Servo Fiel, ela encontrava o verdadeiro sentido para doar a vida sem reservas. Jesus, certamente, ficava encantado por sua vida feita doação aos pequenos.

Essa imagem de Madre Assunta nos faz entender porque ela é o protótipo da Missionária Scalabriniana. Foi com a vida e não tanto com as palavras que ela nos ensinou que é preciso ser mulher de oração, mulher de Deus, mulher comprometida com a causa do migrante. Nesse espírito, buscamos permear as ações, serviços, atividades do Centro de Atendimento ao Migrante, testemunhando o que o próprio Cristo Peregrino nos pede no Evangelho: quem acolhe o migrante a mim acolhe e amai-vos uns aos outros como eu vos amo. Revestidas da força do Mestre do Caminho reafirmamos nosso compromisso com busca da vivência dos valores, virtudes e características scalabrinianas com ênfase na acolhida, no atendimento qualificado e na promoção dos nossos irmãos migrantes e refugiados.

Contribuir na reconstrução da identidade da família migrante e refugiada exige muito empenho, persistência, sabedoria. Onde conseguimos armazenar energia para isso? Com o advento de um novo Pentecostes, podemos enfim exclamar: “Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre” (Cl 3, 11). Essa forte iluminação Bíblica perpassa de forma indelével os trabalhos da instituição e se constitui num desafio frente às exigências da missão.

Para fortalecer o espírito, buscamos luzes nos momentos de oração diária, no início da manhã, antes de iniciar os trabalhos. Percebemos que é preciso silenciar, meditar e buscar sabedoria para realizar o serviço de assistência social com qualidade, tendo os olhos voltados ao céu, os pés dispostos à mobilidade, as mãos solícitas para acolher, os ouvidos atentos aos clamores e o coração despido de preconceito. Nesses momentos, fortalecemos nossos valores, virtudes e características scalabrinianas e partilhamos essa riqueza àquelas pessoas que trabalham em nossa instituição e que transborda aos nossos destinatários.

Assim, valores como acolhida, continuarão sendo nossa marca mais evidente nessa inusitada, renovada e desafiadora missão de atender pessoas migrantes e refugiadas que se apresentam, tantas vezes, com o rosto desfigurado pelas barreiras que se impõem na busca pela sobrevivência. Barreiras das portas que se fecham, da falta de direitos, das incompreensões, do preconceito por ser de outro lugar, por ser diferente. Temos em nossas mãos o bálsamo para sanar as chagas que trazem no coração nossos irmãos e irmãs que peregrinam movidos pela força da esperança.